

# ALFREDO PEIXOTO

BIBLIOTECA  
NACIONAL  
RIO DE JANEIRO

.....o marinheiro ousado  
Tem no mar um amigo e nelle o seu tyranno.  
*Alfredo Peixoto.*

EDIÇÃO UNICA



LITHO-TIPO A VAPOR-GEAR

Fortaleza 5 de Junho de 1892

## UM JOVEN POETA

O SR. ALFREDO PEIXOTO

(Fragmento)

Surge, pois, d'ahi inevitavelmente perenne conflito, por que o poeta, nas audacias de inquebrantavel orgulho, julgando como Prometheu ter o fogo sagrado nas mãos—não recua.

A critica, porem, que é a mestra educadora do genio, a arte suprema, fecunda de inspirações, opulenta de harmonias; que, ainda mais é a irradiação da verdade, a interprete do grandioso e sublime; o lume vivo das idéas geradoras do bem; enfim, o esplendor do bello; obriga o temerario a descer do pedestal e ficar na penumbra, reduzido as suas verdadeiras proporções.

Com elevado bom senso, com incontestavel razão, com vigorosa logica, com profunda sciencia anthropologica, um escriptor detestado pelos puritanos do idealismo e cujo nome sôa como um escandalo, escreveu estas palavras:— "Au fond, Ruy-Blas n'est qu'une monstrueuse aventure, qui sente le boudoir et la cuisine. V. Hugo a beau emporter son drame dans le bleu du lyrisme, la réalité qui se trouve par-dessous, est infame. Malgré le coup d'aile des vers, les faits s'imposent, cette histoire n'est pas seulement folle, elle est ordurière; elle ne pousse pas aux belles actions, puisque les personnages ne commettent que des saletés, ou des gredineries; elle ne reconforte pas, puisqu'elle commence dans la boue et finit dans le sang." (3)

Os poetas que estrém não se arriscam a theorias caprichosas, elles tem a alma aberta ás inspirações puras e grandiosas; faltar d'elles é certamente difficil e arriscado. O tempo não lhes amadureceu o espirito; a meditação ainda não lhes fecundou o pensamento. A obra consciente do seu genio não elaborou-se completa, nitida e fulgurosa através das evoluções das idéas. Não conhece a synthese da vida no mecanismo do universo. Sensações, vagas aspirações, credulidade do coração, entusiasmos inopinados da hora presente, impetos inoffridos de paixões que não analysam, constituem essa primeira phase da existencia e inspira-lhe uma poesia excepcionalmente subjectiva.

Entretanto, o poeta deve ser um educador e um vidente. Martyr da propria fé, cinge a fronte com a corôa de punge, mas glorifica. Fructo de benedicação, (4) é fadado a levantar as almas lá das profundezas das miserias humanas. Victima da propria grandeza—sonhador ou realista—curva a cabeça sobre o travesseiro onde as insomnias o consomem; as ambições da gloria o devoram; os infortunios de coração o flagellam; onde as lagrimas cahem ardentes na febre do amor; onde as dores supremas das desillusões da vida o torturam, como n'um poste de martyrio.

O Sr. Alfredo Peixoto, filho do meu collega o barão de S. Domingos, ainda tão jovem, que o poeta (primoroso lyrico por excellencia) (5) poderia dizer-lhe que *está tão perto do céu*, vem entre as turbas, expôr-se condemnado a trabalhos perpetuos, infringidos aos talentos inspirados.

Quando o Sr. Mucio Teixeira, um poeta de elevada hierarchia, apresentou-me o joven collega, não pude deixar de recordar-me de Castro Alves—mocinho, tremulo de emoção, e, como um precito em dolorosas ancias pedindo o verbo de redempção—a ler-me os seus primeiros versos.

O que a minha experiencia, apenas d'um mero curioso, poderia aconsellar ao talento que se revelava potente, imperioso, indomavel? Que não recebia a inspiração como um victimado, conforme sonhara o autor das *Meditações*; ao contrario, a comprehendia semelhante ao cavallo de Muzzepe, imaginado pelo

espirito schilliano do cantor das *Orientales*.

O Sr. A. Peixoto achará guias mais habeis e seguras do que eu, já desilludido e sentindo que se me vai extinguindo a luz da mente...

Estes deliciosos mysterios da poesia estes delicados assumptos da litteratura não os entendo agora.

Só a tenacidade da memoria condemna-me, ás vezes, a volver os olhos ao passado, repetindo a canção—*Revenons toujours à nos anciens amours*.

Ah! este amor das letras não nos fica impregnado n'alma como a aroma da flor do Oriente, mas como um virus deleterio e incuravel.

Eu bem quizera premunir o mancebo inspirado contra este mal; bem desejara que lhe não vestisse o corpo esta tunica de Dejanira.

Mas já que a fatalidade é o Nume que governa os vates, não posso impedir que o Sr. Alfredo Peixoto queime as mãos no fogo sacrosanto.

Não quero unicamente limitar-me a saudar o novel cantor, a dizer-lhe que tenha confiança no seu invejavel talento, em tão pouca idade revelado em produções, embora incorrectas, mas onde se sente o callido sopro de genial inspiração.

A sua poesia, escripta sobre o tumulto de sua prima Alexandrina, é suave como uma prece e terna como gemido d'alma abafado n'um seio amigo.

Ei-la:

Os cyprestes, esguios—solitarios—  
Choram tristes em frente d'essa cruz!  
As estrelas, como uns alampadarios,  
Deixam de si brotar ondas de luz....

Agora o viandante, que prosegue,  
Por esta moça morta se apiade:  
E o passarinho, que só, trina alegre,  
Então por mim, um canto de saudade!

O lyrismo domina aqui; é natural que o sentimentalismo vibre nas fibras de um coração ulcerado. A escola realista ainda não descobriu o segredo de arrancar do coração humano essas raizes profundas do amor, da tristeza e da dor; ellas perduram com a immutabilidade da mesma natureza.

Com estes oito versos a imaginação de joven artista traçou um delicioso painel rapido na expressão vivaz de quente harmonioso colorido.

*Esta moça morta*—dormindo antes bafejada pelos beijos da aragem, que resvala dos cyprestes á cruz; envolta na tristeza; borrifada das lagrimas que choram seres insensíveis—é a idolatria do pensamento, uma saudade que goteja perenne!...

Coração e alma de poeta, são para amar!—mas antes dos reverses da vida, antes de conhecer, como Shakespeare, quanto a mulher é perfida, amarga e cruel!

Os mimosos cuidados d'um amor que illumina a solidão da campa, aqui estão patentes. O joven trovador, qual mãe zelosa e carinhosa demais adornou e cercou a sepultura, de flores de harmonia, de luz, e de preces, como se fôra um berço abençoado e querido.

D'essa emanação sentimental se pôde conjecturar a abundante veia de poesia que se esconde na natureza privilegiada do Sr. Alfredo Peixoto, a qual ha de ser enriquecida e desenvolvida pela meditação e pelo estudo.

Vejo, de soslaio, outra poesia em que o futuro almirante—o Sr. Alfredo Peixoto—já se exaggera e tenta ostentar as arrogancias inherentes a essas naturezas, mixto de força e de fraqueza, de violencia e ternura; que blasphemam e amam, e morrem nos ancios febris de sonhar acordados!

O espirito juvenil do guarda-marinha já começa a ter a vertigem sensual; fluctua ao capricho dos *loucosturbilhões*; repara nos contornos aprimorados e nas espaldas nuas das actrizes e cantoras, mercadorias expostas á avidez dos olhos no palco. Elle as deseja bem impudicas, que respondam, entre sorrisos e espasmos, um beijo com cem. Elle as quer famintas de gosos, e flores de veneno e perdição, exalem ás brisas que passam, perfumes, que não são puros, comprados a peso de ouro...

Quando a cellula de seu cerebro se agitar, o poeta tomará no tumulto das

idéas o seu posto; mas n'estes instantes as tendencias que se manifestam no seu espirito, mostram que é impellido por sópros contrarios.

As seguintes estrophes d'uma poesia dão a medida da vehemencia e da desordem de seu temperamento e de suas idéas. Um pouco de selvageria já desabrocha no soldado que ha de ser rude no amor e na guerra.

A ELV...

Ah! fulgem de ti—os loucos turbilhões  
Do desejo—que mata, e acaricia;  
Quando te vejo—eu sinto as commoções  
D'uma suave e languida agonía.

E se eu te amasse, como se ama a virgem  
Que vem acalentar os nossos sonhos:  
E se eu te amasse em saturnal vertigem,  
E devorasse os beijos teus—medonhos?!

Depois, o requeimado cerebro esmorece na *saturnal vertigem*; os ouvidos escutam a *gargalhada horrenda da meretriz, cujo corpo esteve á soldada, cuja alma só amou a quem mais ouro deu* exclama o impavido official da marinha!

A tendencia de glorificar a *cocota*, essa criação hybrida que não é producto sómente da civilização moderna transparece em cada estrophe.

O novel soldado marinheiro tem uma concepção da vida, formada no meio social em que se agitam tão desconcertados sentimentos. A' maneira dos pintores flamengos que nos quadros desenhavam o *pisseur*, o ebrio o rapaz gordo e corpulento, porque era o que viam, o Sr. Alfredo Peixoto, artista caprichoso, ardente e com todas as exagerações do temperamento e dos verdes annos, descreve em seus poéticos, creaturas que todos nós vemos e observamos.

E a manifestação da sua esthetica realista. Não levo a mal que um estatuário dê a estatua a attitude que lhe apraz; que um pintor lance as tintas quentes de sua palheta, de fogo, ou como Paulo Veranes sobre as louros tranças das donzellas venezianas, ou como Wander Helst n'essas figuras flamenga corpulentas e risonhas. O ideal fulgura tanto na idéa pura, quanto nas formas em que se encarna.

Podia Winkelmann, com todos os fundadores da esthetica idealista estabelecer excellentes regras d'arte, dar uteis recéitas para a expressão do bello absoluto; hoje, porém, não é dado a nenhum critico submeter o artista a uma regimem exclusivo.

A intelligencia moderna não se compraz em perder-se nas esferas insondaveis onde Platão lobrigou a belleza absoluta—eterna—e sempre esplendorosa

Para a intelligencia moderna, o absoluto, o idealismo transcendental não se comprehende, e menos explica-se de modo a tirar-nos do espirito todas as duvidas, illuminando-nos com o clarão da certeza ou da verdade.

Decerto, nem na arte, nem nas sciencias assim como na litteratura e na sociologia, não ha senão o bello contingente e relativo porquanto o ideal absoluto é intangivel e impraticavel.

No dia em que o artista ou o poeta for privado da liberdade de exprimir as inspirações do seu genio como lhe convier, segundo o seu temperamento, a sua expressão pessoal o progresso nas

artes nas letras, tmbem nas sciencias e na philosophia—ha de esbarrar diante de um obice fatal.

Ainda que não se queira consagrar a liberdade na litteratura, os poetas a tomam por suas mãos. Elles não recebem, nem toleram o freio, á guiza dos cavallos indomitos, que atravessam, em rapida carreira, as vastas e virentes planícies do Rio-Grande do Sul.

Não censuro, antes aplaudo as manifestação juvenis do notavel talento do Sr. Alfredo Peixoto. Elle sente em si o *Deus in nobis* dos poetas, ou o demo-

nio do philosopho. A sua vocação poetica está muito pronunciada; depende pois, dos seus esforços fazel-a fecundo e illustre. *Surge et ambula!*

Tome o conselho de Bittencourt Sampaio, que reúne a illustração d'um mestre á alta competencia de poeta—estude, observe o mar, já que vive em contacto com elle. Estude esta natureza viva, seductora, movediça, variavel; observe a paisagem marinha. Retempe o seu espirito n'este banho de realidade, porque a sua arte, o seu talento produzirão obras d'um caracter soberbo, crearão um genero novo e verdadeiramente terrestre e original.

Faça, enfim, como Cesar—esse sublimo aventureiro da gloria—que parou um momento para meditar, demorando-se nas margens do pequenino regato, que o distanciava das sonhadas grandezas. A audacia do guerreiro se avigorou na conciencia de sua força, antes de consummar a prodigiosa façanha. Mas quando o animo, retemperado, ficou robustecido pela convicção, o conquistador invicto, a despeito da sombria tristeza que annunciava a fronte tostada das cohortes vacillantes, lançou a palavra suprema do destino—*alea jacta est*.

Rio, 27 de Março, 1884.

EUNAPIO DE

## REMINISCENCIAS

Em certa noute do mez de Março do anno passado, entrando no *Restaurant Tristão* encontrei Euclides Freitas em companhia de um joven official de marinha quasi imberbe e com um ar de desempenado bohemismo que sua farda de botões dourados e cintada de tres galões no punho não conseguia modificar.

Euclides apresentou-m'o: era Alfredo Peixoto.

Fervia champagne nas taças, e Peixoto, de pé, bracejando como si estivesse a bordo ordenando uma manobra difficil, contava os episodios da viagem.

Eu—versejador matuto e tímido—sentia-me mal feito de corpo diante daquella jovialidade verbosa e dominadora.

Os habitués do *Restaurant* agrupavam-se pouco a pouco em redor de nossa banca.

Peixoto disse-me então:

"Vou recitar-lhe uns versos que escrevi a bordo."

E com aquella voz sympathica e vibrante, com aquella mimica larga e desenvolta recitou-me o *Crepusculo*,—um punhado de alexandrinos magnificos formando estrophes ora revoltas como um vagalhão furioso, ora suaves como um espraia de vaga bonançosa.

Os espectadores não se puderam conter e victoriarão o poeta com uma salva de palmas.

Eu desde essa noute fiquei possuido de uma admiração incondicional por Alfredo Peixoto e tornei-me seu companheiro inseparavel.

Havia, contudo, nos gestos, nas palavras e nas acções de meu novo amigo uma certa desenvoltura boulevardieira, um certo pessimismo desdenhoso e galho-feiro que chocavam a minha affectividade ingenua de lyrista provinciano.

Alfredo Peixoto trazia o coração requeimado pelo ambiente dos café e dos bastidores fluminenses; trazia o espirito enervado pelas fortes sensações do deboche elegante.

A vida da capital cearense, rotineira e pacata, asphyxiava-o, exasperava-o e dava assumpto a epigrammas mordentes que elle atirava como uma farda ao dorso do primeiro burguez que se lhe deparava.

Isso valeu-lhe a principio um certo numero de antipathias, principalmente por parte do bello sexo, que escandalizava-se com os modos bruscos daquelle official de marinha tão differente dos outros.

"Mal empregado! Tão bonitinho..." ouvi algumas vezes dizerem a respeito d'elle.

Pouco a pouco, porem, nosso meio ia-lhe actuando no espirito; e foi então que certa moça cearense inspirou-lhe as formosissimas estrophes da *Loura*.

(3) Emille Zola.

(4) Zorilla.

(5) Gonçalves Dias.

Nosso *rendez-vous* litterario era na *republica* de Euclides Freitas, onde reuniam-se á noite nossos rapazes de letras e até profanos á Litteratura, que iam ali atraídos pelo encanto da palavra de Peixoto.

*Consulado da Bohemia* chamavamos nós a casa de Euclides, que foi apelidado *consul*.

Durante esse tempo escreveu Peixoto o *Dialogo no céu*, o *Forte*, a *Peccadora* *Um historia*, *Aquella mão...* *Morto vivo*, e tantos outros primores litterarios que conquistaram-lhe a maior popularidade que poeta algum já teve em nossa terra, popularidade devida em grande parte ao encanto de sua palavra e a seus modos e gostos fóra do commum.

A esse tempo Euclides voltava ao Rio. Fechou-se o *Consulado*; debandaram-se os bohemios, e Peixoto installou-se a bordo do *Paquequet*, vindo á terra somente duas ou tres vezes por semana e trazendo sempre versos deliciosos que eu offerencia aos leitores do *Libertador*.

Peixoto transformava-se a olhos vistos; seu pessimismo intolerante abrandava-se sob a acção do meio, e a sua alma começava a aureolar-se com uns doces clarões de sentimentalidade.

A cousa chegou a ponto de confessar-lhe um dia, em uma roda de amigos, — que estava apaixonado!

Esta confissão produziu estupefacção geral seguida de vaia, visto que o poeta fechara alguns dias antes uma poesia com este verso:

"Meu coração é um coração de pedra!"

O objectivo dessa paixão era uma senhora a quem chamavamos — *princeza russa* — e que não correspondia aos affectos de seu adorador.

Este procedimento si não irritava o amor de nosso poeta, irritava-lhe pelo menos o amor-proprio; e a este respeito escreveu-me elle, de bordo, uma carta toco-triste, que eu respondi em verso e no mesmo tom.

A popularidade de Peixoto assumira proporções extraordinarias: todo o mundo o conhecia, todo o mundo o cumprimentava, todos davam-lhe o tratamento de — Peixotinho — que ia tão bem áquella figura delicada, viva e risonha.

Aconteceu mesmo fazer-me elle algumas vezes a apresentação de pessoas áquella.

Nas *soirées*, nos concertos, nos espectáculos, nos cafés, encontrava-se o Peixotinho dentro de um circulo de ouvintes, que elle deliciava com suas finissimas pilherias ou commovia dizendo as estrophes doces da *Loura* ou os valentes alexandrino do *Forte*.

Lembra-me bem a conferencia litteraria feita por elle no salão da Phenix Caxerial, — improviso brilliantissimo que valeu-lhe uma ovação entusiastica e um acompanhamento triumphal até o Hotel de France.

Peixotinho e eu escrevemos a revista *theatral* em tres actos — *A politica é a mesma*, levada á scena cinco vezes pelos talentosos rapazes da *União Militar*, o que, na sua opinião, correspondia a um centenario no Rio, dadas as differenças do meio.

A peça, modestia á parte, deu no gôto, e mais vezes teria sido levada si alguns de nossos actores não tivessem *azulado* e si a nossa *prima-dona* não tivesse fugido, conduzindo clandestinamente os vestidos com que trabalhava no palco e que foram feitos á custa da sociedade!

Inda hoje canta-se por ahí *Os Queiroz*, o *Caquete desligado*, o *Inverno*, etc.

Muitos outros incidentes da estada de Peixoto no Ceará teria eu a registrar si não me faltasse espaço e não me esmorecesse o esforço que faço para falar em estylo ligeiro e despreocupado desse pobre amigo que a estas horas dorme eternamente sob o sudário tremulante e diaphano do mar...

Ainda não ha muito escrevia-me elle da Ilha das Flores uma carta desalentada e nostálgica como o gemido precursor da morte...

Dorme, querido amigo! E que tua alma de bardo, boiando, como Ophelia, sobre as aguas, cante, acompanhada pelo marulho das vagas, essa canção

que tua mãe bondosa Quando eras tu criança ensinou-te a cantar!

ANTONIO SALLES.

## ALFREDO PEIXOTO

O marinheiro rudo, o marinheiro ousado  
Tem no mar um amigo e n'elleo seu tyranno  
Sua acção e n'esse o coração do oceano

ALFREDO PEIXOTO.

Elle era um desses.  
Lançava-se ao mar com a audacidade de quem nasceu no seio delle, por consequente de quem conhecia o coração do oceano.

Encarava-o com a imaginação poderosa do poeta, porque o poeta vê sempre no mar um calendario vastissimo aberto á imaginação e á poesia.

Apoderado desse duplo amor, o amor do filho, do amigo, e o amor do poeta elle sentia um prazer indizível de largar-se ao mar a fóra contemplando o azulado infinito do mar, que fita frente á frente o azulado infinito do céu, e gostava naturalmente de ouvir o masculino marulhar das ondas, porque este é para o marinheiro a doce canção popular com que o mar, em vez de sua mãe, lhe embalara as esperanças de moço e os dulcissimos sonhos de creança, e porque é para o poeta o profundo e herculeo gemido de uma alma forte, pois tal é o que se comprehende do que disse Guerra Junqueiro referindo-se ao oceano:

"Tens um coração, tens, negro leão convulso."

Seu coração magnanimo, em que cada fibra estremecia magicamente por tudo quanto é grande, bello, artistico, aquelle coração que "sentia dentro de si o borbulhar dentro do genio", era de uma vitalidade superior e não podia deixar de sel-o porque isso é uma prova exuberante do talento de seu dono,

Si quizessemos occupar-nos de Alfredo Peixoto como homem propriamente dicto, teriamos que falar de grandeza de sua alma, do seu popularismo burguez e bohemio, da sua amabilidade extrema, cousas que toda a gente teve occasião de apreciar e admirar n'elle.

Entretanto nosso fim não é esse. Queremos falar somente do poeta e do marinheiro. Do poeta, que se expandia numa fertilidade enorme de bellezas romanticas, restam-nos mimosissimas producções que a gente lê, que a gente sorve como si fosse um oxigenio precioso aos pulmões; resta-nos esse finissimo licor do espirito que elle denominou de *Loura*. *Crepusculo*, *Dialogo no céu*. Do marinheiro, "do marinheiro sudaz, do marinheiro ousado", resta-nos a saudosissima lembrança, que se transforma em saudade e que nos persegue como um vacuo sensível deixado no meio d'aquelles que têm no mar sua habitação saudavel e feliz.

E quem poderia suppor que o mar, que lhe escutou os primeiros vagidos de creança; quem poderia suppor que o mar, que o embalou nos braços como se embala um filho querido, quem poderia suppor que esse mesmo mar abrisse um dia o immenso seio aquoso e o envolvesse para sempre em seus insondaveis abysmos! E Alfredo Peixoto tinha escripto que o marinheiro deixa a casa dos paes, embarca e

"E muita vez, coitado, elle não volta mais".  
Encarado o facto dessa maneira, a gente sente uma repugnancia extranha pelo mar esente-lhe até raiva por causa de tanta brutalidade e de tanta ingratitude.

Mas não foi assim.  
*Le grande attire le grande*, disse Victor Hugo. O oceano que amava-o tanto como elle amava o oceano; o oceano que conhecia as pulsações do coração de Peixoto como Peixoto conhecia as pulsações do oceano; comprehendeu que aquella alma tão grande

nao podia ter por tumulo um pedaço qualquer de terra, e, pensando como pensara outr'ora o almirante batavo; que o mar é o unico tumulo digno de um heróe, chamou-o para suas entranhas, como ha 30 annos atraz chamou Gonçalves Dias, e deixou-o dormir lá bem no fundo, no meio dos coraes e das madreperolas, como um filho idolatrado que a gente tem o cuidado de deitar num leito de velludo.

Nessa occasião o oceano encheu-se de uma alegria enorme por ter chamado a si seu cantor sublime, e então embalou-lhe o ultimo somno com a mesma

canção benedicta com que lhe tinha embalado o primeiro.

Devia ser sublime, devia ser commovedor esse canto divino das aguas, alegre para o mar, e melancolico, fatal para muita gente.

De facto. O oceano ficou satisfeito; mas no coração de todos aquelles que conheceram Alfredo Peixoto paira a tristeza como uma nuvem negra que perturba por muito tempo a serenidade do peito. É que era muito cedo e elle sentia dentro de si todas as pulsações, todas as idealisações de uma alma de moço e de poeta.

Não fosse uma cousa já tantas vezes dita e teriamos occasião de falar agora da infelicidade do Brasil referente-mente á prematura morte de seus grandes filhos.

Sentimentamos á Litteratura e á Marinha brasileira pelo fallecimento precoce do mavioso poeta e valente marinheiro Alfredo Peixoto.

Fortaleza, 30 de Maio de 1892.

DA ESCOLA MILITAR.

## ALFREDO PEIXOTO

Embarca-se a sorrir o ingenio marinheiro,  
E muita vez, coitado! elle não volta mais...

ALFREDO PEIXOTO.

O mar tem fundos arcanos,  
Abysmos desconhecidos,  
Profundos como os gemidos  
Dos desesperos humanos...

Por sobre o manto das aguas,  
Os seios dos nenuphares,  
Derramam negros pezares  
De melancolicas maguas.

A branda espuma que frisa.  
A onda que se esmaece,  
Como que geme! parece  
Um coração que agonisa.

Ha desalentos fataes  
No choro infinito e vago  
Daquelle indomito lago,  
Cheio de lodo e coraes...

A vaga agomando a brúma,  
Entre longas lithanias,  
Tece amargas ironias  
Com brancos fios de espuma.

E a onda a cantar e a rir,  
A's vezes desaparece,  
E surge do abysmo e... desce  
E desce... e torna a subir...

Foi sobre o profundo arcano  
Das ondas e do escarcéu  
Que elle criou-se e viveu  
Como um genio do oceano...

Su'alma serena e doce  
Dormiu no seio das brumas,  
Serena como se fosse  
Imã das brancas espumas.

E assim viveu emballado  
No seu mysterio e penar,  
Como um soluço arrancado  
Das nostalgias do mar.

Andou por estranhas plagas  
No abysmo do servedouro,  
Chorando com as vagas de ouro  
O longo choro das vagas.

E as ondas louras, ao vel-o  
Passar, á flor dos coraes,  
Iam beijar-lhe o cabelo...  
Diziam-lhe: — "Onde é que vaes.?"

"Onde é que vou? —" Respondia:  
"Eu vou aos mundos risonhos,  
"Aonde a febre dos sonhos  
"Apaga a da phantasia."

"Eu quero descendo o oceano  
Das gemedoras paragens,  
Sondar as negras voragens  
Das solidões do oceano."

"Quero com o manto das aguas,  
Na vaga tumida e quente  
Matar o calor ardente  
Das minhas intimas maguas."

"Quero na estranha viagem  
Quefaco — misero humano! —  
Sondar o lurido arcano  
Da tenebrosa voragem."

"Quero ver si esta espessura  
Cheia de algares, de lodo  
Contem o negrume todo  
Da minha negra amargura."

E assim viveu emballado  
No seu mysterio e penar,  
Como um soluço arrancado  
Das nostalgias do mar.

E assim se foi pelo meio  
Das tempestades hediondas,  
Contando o segredo as ondas  
Das dores que tinha ao seio.

Até que um dia arrastado  
Por um mysterio profundo,  
Ao negro e tetrico fundo  
Dos sonhos do illimitado...

Mergulhou no servedouro  
Do lodo, aonde as sirenas  
Tecem as Ondas serenas  
Com brandos fios de ouro.

E alli ficou sobre o arcano  
De um seio tumido e quente,  
Como uma queixa dolente  
Carpida pelo oceano.

Mas, su'alma que se espraia  
Com a vaga branda e queixosa,  
Saudosa volver á Patria...  
Como uma concha saudosa  
Que a onda atirou na praia

ALVARO MARTINS.

## ALFREDO PEIXOTO

Dos modernos artistas que serviam o paladar já um pouco educado do publico brasileiro, nestes tres ultimos annos, um dos mais mimosos, um dos mais delicados, um dos mais finos era o Alfredo Peixoto.

A nota que gemer na harpa R. Correia ou Olavo Bilac não será nunca, mais humanamente sentida do que as que traduzia o seu alidade.

O seu caracteristico profundamente marcado era saber sentir muito bem e saber traduzir muito melhor. Porque nós todos sentimos, mas não sabemos sentir, dizemos o que sentimos, mas não sabemos dizer.

Era que Alfredo Peixoto tinha um invejavel aparelho nervoso servindo a uma alma delicadissima. A sensação humana chegando áquella alma, fazia o effeito de um raio muito louro e muito agudo de sol atravessando uma gaze muito fina, muito diaphana. — Era artista.

A outra nota mais sentida em seus versos era a descrença. Não a descrença spleenetica do lord, nem a descrença enjoativa do nababo.

Era a descrença da alma crente, porque os homens não eram como elle queria que fossem. Eram os seus sentimentos bons que se revoltavam e que pareciam estalar de dor e de dó dentro de cada estrophe, por ver todos os dias o tacão sujo do interesse calcar tudo o que era puro, tudo o que era santo.

Escrevendo sobre Alfredo Peixoto, uma cousa sobretudo me commove e me vae chorar lá muito dentro n'alma: — elle ter tido o presentimento tragico do seu fim.

Quem não sente o coração apertar-se no peito, depois da catastrophe do "Solimões, sabendo ter sido escripta por elle aquella estrophe do *Crepusculo* inspirada por um sopro de prophécia?

Com o pensamento preso ao mundo traçoieiro á terra em que nasceu, á terra de seus pais, embarca-se a sorrir o ingenio marinheiro, e muita vez, coitado, elle não volta mais!

TIBURCIO DE FREITAS.

**Alfredo Peixoto**

Chorar? Porque? Pois elle não escreveu as *Memorias de um naufrago* e esse livro não era o presentimento de que hãvia de ter por tumulo o oceano?

Sonhou—e sua vida não passou desta phase luminosamente asulada e asuladamente serena. Foi portanto feliz. Não viveu: passou como espuma fugaz sobre a superficie revolta do mar da vida.

Uma tempestade arrastou-o; mas o mar tem tambem o seu mysterio: quem sabe se não continuará a sonhar na profundidade do abysmo?

Não choremos: é uma vida que termina: é o mysterio que começa.

Vivemos como se fossemos immortaes. Entretanto a morte é a unica solução verdadeira do problema da vida. Elle morreu: resolveu o seu problema. E nós que ainda continuamos na viagem do desconhecido, não choremos: cantemos o hymno da morte.

O oceano é seu tumulo: cantemos o oceano. É possivel que sua voz ainda se faça ouvir por entre o ruído confuso das ondas. Seu ultimo gemido foi com certeza produsido não pelo medo da morte, mas pela saudade daquelles que amou: e o mar ha de ter respeito a esta agonia.

Não choremos...

Mas como não chorar quando é possivel que elle tenha chorado e quando a lagrima não está sujeita ao dominio da lei, nem obedece ás imposições da vontade?... Choremos.

Mas oh! no momento em que escrevo estas linhas, passa uma musica tocando. Quem sabe se não virá de envolta com aquellas notas harmoniosas alguma cousa da alma de Alfredo Peixoto? Não choremos. Ha uma profunda verdade e uma admiravel harmonia na propria morte. Já alguém affirmou-me que a morte é uma libertação e agora comprehendo que a morte é a incorruptivel justiça. É por isto que a morte eleva os humildes, ao mesmo tempo que abate os soberanos do mundo; e quando consegue arrastar em suas roscas de fogo algumas destas creaturas ingenuas que cheias de inspirações e de fé, vivem absorvidas pelo amor das grandes idéas; um daquelles reis sem coroa e sem reino que despreocupados da falsa grandeza que é o exercicio da força, sacrificam toda a sua existencia pelo desenvolvimento da verdadeira grandeza que é a propagação da verdade, neste caso o ultimo momento da agonia daquelle que morre, é o primeiro periodo de sua divinisação, é o começo da glorificação da posteridade.

Está nisto a força que é superior á grande força dos poderosos da terra.

F. B.

**A' memoria de Alfredo Peixoto**

A morte desse sympathico rapaz que conviveu conosco na mais intima camaradagem, espargindo, com uma prodigalidade nababesca, as fulgurações de seu talento excepcional, foi para nós uma rude e dolorosa surpresa. A morte veio surprehendel-o em plena madrugada da vida, quando ainda lhe iam pela alma dolente dulcissimas melopéas amorosas, e em sua imaginação prodigiosamente phantastica talvez se architectassem encantadores castellos, talvez traçasse os largos planos de um grande poema que o immortalisasse. Apesar de ter desaparecido d'entre os vivos muito moço seu nome não será esquecido. Seus versos caprichosamente burilados e artisticamente correctos, viverão na memoria de todos nós, prova inconcussa de que elles hão de assinalar-lhe um lugar proeminente entre os poetas da actual geração. Ha homens de phisionomias tão expressivas e tão características que, á primeira vista, impoem-se, insinúam-se no sentir e no pensar daquelles com quem convivem. O Peixoto era assim: exercia tão poderosa influencia sobre os que com elle privavam que, quando palestravamos com elle desejavamos que a palestra prolongasse-se bastante. Bohemio incorrigivel e audaz, nunca submetteu-se ás pragmaticas banaes da sociedade e sempre estava disposto a romper com esses entes nullos, automaticos, rotineiros

que não se afastam da estrada já trilhada para não contrahirem odiosidades. Para muitos, essa franqueza constituia o lado vulneravel e máu do poeta, que para pensar e agir não obedecia a suggestões de outrem. Coração generoso e terno, quando evocava o nome de sua santa e idolatrada mãe fallava, com tanto entusiasmo que commovia.

Eis ahi o que eu penso sobre o Alfredo Peixoto, o grande morto, a quem em um futuro não muito longinquo, a historia litteraria de nossa patria ha de consagrar uma de suas paginas lucillantes, intensamente illuminadas pelo sol da immortalidade.

ULYSSES BEZERRA.

**ALFREDO PEIXOTO**

Pela escada de sonhos da Poesia Tu te elevaste ao paraizo d'Arte, E a aza serena e branca d'alegria Suavisou-te a Dor por toda parte.

Agua do verso, pel' espaço a fóra Audaz e boa, voavas gloriosa, E a alma de poeta, candida e sonora, Diluias na rima victoriosa.

Foste ao seio profundo do oceano Coroarte de algas e coraes, —Não naufragaste, artista soberano, Não morreste, descansas, nada mais.

Mas teu descanso, que é o descanso eterno Causa-nos dor e causa-nos pesar, Pois nunca mais na lyra hade vibrar Teu coração melodioso eterno.

E os que vêem-te a lyra emmudecida, Os que sabem sentir como sentiste, Para os quaes tua subita partida Foi um adeus immensamente triste.

Vão a chorar em bando e em romaria Pela triste avenida da Saudade, Da tua mente o lyrio da Poesia, —E da tua alma a rosa da Bondade.

LIVIO BARRETTO.

**TELEGRAMMA**

Nossos bons amigos Dr. Waldemiro Cavalcanti e Sabino Baptista, que acham-se a passeio na Granja, ao sabermos que pretendiamos prestar esta piedosa homenagem á memoria de Alfredo Peixoto, enviaram-nos o seguinte telegramma:

"Pedimos-te que nos representes na edição especial dedicada á memoria do nosso querido e desventurado Peixotinho, publicando este telegramma, que traçamos entre lagrimas da mais pungente saudade.

WALDEMIRO. SABINO.

**ALFREDO PEIXOTO**

A minha penna treme sobre o papel e de balde procuro uma phrase, uma nota, um canto, uma palavra que possa traduzir o que se passa neste momento em minh'alma.

E' alguma cousa de grande, de extraordinario, de inconcebivel como o oceano que serve de tumulo ao teu cadaver, oh! immortal cantor da *Loura*!

Esse mesmo mar que era tão teu amigo, esse mar, ora bonançoso e sublime como a tua alma de poeta, ora terrivel ameaçador, ousado como o teu genio de marinheiro; esse mar que te inspirava, que te fez rir, cantar, gemer e chorar; este amigo traicoeiro e ingrato, arrebatou-te dos nossos braços e dos nossos corações furtou-te ao seio carinhoso d'aquella de quem sempre me fallavas com a voz tremula, com os olhos cheios de lagrimas nos teus momentos de melancolia e tristezas: tua mãe.

Oh! tragica ironia do destino!

Oh! mar desleal, se acaso não tens um coração no teu immenso peito, porque choras despedaçando-te de encontro aos arrefices e parceiros?

E se não tens nesse profundo coração uma alma que gême e soluça, por-

que suspiram as tuas oudas na hora do crepusculo?

Entretanto o velho mar contiuna, impassivel e austero, na sua lucta eterna, indifferente ao nosso pranto, a' nossa magua e ao nosso desespero!

Maldicta lei que te rege, oh! monstro!

E tu que dormes, ou vives (porque eu não creio que tu tenhas morrido) nesses memdos desconhecidos do illimitado, ouve-me bem: a terra era bastante estreita para guardar o teu cadaver; só o mar devia ser a tua sepultura.

T. MACHADO.

**Alfredo Peixoto**

Força é confessional-o. Muito embora sintamos a razão cambaleiar, muito embora queiramos crer que estamos sendo joguete de um máo sonho, a realidade mostra-se-nos severa e inexoravel a attestar o facto.

Não ha negal-o: Alfredo Peixoto, aquelle sympathico moço, que não ha muito convivia conosco, de quem admiramos o taiento e a jovialidade, aquelle para quem auguravamos o mais brilhante futuro, aquelle para quem sorriam as mais fagueiras esperanças, já não existe!

Uma onda abriu-se, e ella desapareceu para sempre nos abismos do oceano.

Mas teria elle morrido realmente?

Não, não, elle vive no peito daquelles que o conheceram; daquelles que alguma vez ouviram a harmonia de sua voz.

Portanto o *Athleta*, orgam de uma sociedade de moços, esperançosos e cheios de seiva, vem depor uma lagrima sobre o tumulo material do inditoso poeta.

"O ATHLETA"

**Duplo naufragio**

A tua desgraça, ó meu desventurado rapaz, veio estalar no céu azul da mocidade que te anava como um trovão arrebatando na serenidade azul de uma abobada muito clara.

Nós já sabiamos que a gondola em que partiste cantando, mãos ao remo, mar á fora, arribara batida contra os escolhos da desillusão e da realidade.

Nós já sabiamos que tinhas naufragado na vida, meu amigo; mas não sabiamos que havias de naufragar tambem na morte, que a gondola que te levou a cantar, havia de ser o esquire que te havia de trazer a chorar.

Por isso a nossa pena é muito grande, por ser muito grande a tua desgraça.

Morreste!...

E quem sabe lá si no reino marinho das algas, em quanto o mar envolvia-te na toalha fria das ondas, tu não chorastes por não sentires a maciez maternal de um carinho, e por não encontrares a chama boa de uma pupilla amiga!

Foste muito desgraçado!

CARLOS VICTOR.

**Inditoso amigo,**

Nest'hora em que escrevo ha em meu coração mais d'um sentimento em actividade: não existe somente a dôr que gera o pranto, mas a colera surda do homem que submette-se á brutalidade selvagem do destino que obriga-o a curvar-se e tremer como um covarde!

Pobre poeta! n'esse mar bravo que infiltrou-te, n'alma os primeiros accentos da poesia; que ensinou-te a gemer, cantar e sentir, encontraste um tumulo traicoeiro.

E sobre o mysterio que envolve o naufragio desse navio assassino, quem sabe de que forma surprehendeu-te a morte?

Si cahiste no glorioso posto de luctador ou si ferio-te a morte, a sorrir, no feliz abandono de quem sonha o riso d'uma noiva ou a mão tremula d'uma mãe saudosa que de longe, acena ao filho que se auzenta?

Seja como fôr, sob qualquer aspecto que encaire-se o sinistro do "Solimões", todo cerebro são fórmula este juizo:

morreste entre bravos ao serviço da Patria, no cumprimento augusto d'um dever.

A patria brasileira, porodiando Esparta, cumpre, n'um momento condigno dizer aos coevos e ensinar aos vindouros, que, no bojo homicida do "Solimões" dormem somno eterno, bravos mortos a serviço da Patria!

Nós, porem, que te conhecemos e admiramos teu talento, vamos, em piedosa romaria, ao mar, teu vasto tumulo e de lá traremos para rememorar-te o nome, os teus cantos molhados, essas gemmas fulgidas, filhas de teu coração e de tu'alma, que num momento de inspiração fatidica denominaste —As memorias d'um naufrago.—

LOPES FILHO.

**ALFREDO PEIXOTO**

Aos mortos se faz justiça—disse Voltaire.

Perfeitamente. E é adstricto a esta sentença que venho fallar de Alfredo Peixoto.

E' possivel que dentre tantos que O ficaram conhecendo em sua estada no Ceará, destoem algumas antipathias, odios e conceitos que pesem desagradavelmente sobre Elle. Não se contesta, porem, a maioria dos que por Elle se desvanecem e choram-lhe o nome querido.

Explica-se. Aquelles são mais fracos; tombaram ao primeiro passo na inveja e no despeito. Estes são mais fortes; transpuzeram tudo aquillo com supremo orgulho, para chegarem á contemplação d'aquella organização toda poetica, d' Aquelle thesoiro de imaginação, vasado em versos do mais fino lavor.

Não tenho a pretensão de ser dos mais fortes; não estou, porem, absolutamente entre os mais fracos, porque acho-os superlativamente repugnantes.

Quero apenas uma cousa: ficar eternamente a contemplar as brancas espumas do oceano como precioso sudario dos restos queridos de Alfredo Peixoto.

JOVINO GUBDES.

**O POETA E O MAR**

O mar se parece com o poeta: tem as suas loucuras de criança e a sua magestade de rei: um reflecte, no curto espaço de algumas horas, as fulgurancias da aurora e o lento falcêr do crepusculo; o outro tem caricias para cantar o amor e a criança, rugidos d'alma para vituperar a effervescencia das paixões e lagrimas para sagrar o desalento e o infortunio.

Um ensina ao outro esse vago metaphysico, infinito que nos enche os olhos e de que nós presentimos os limites mas de que a imaginação deleita-se em abstrahir.....

Oceano, mestre mudo que só ensina com o gemer da bonança e o rugir da tempestade, que fizeste do discipulo que em máo dia te cahio no seio a querer-te ouvir melhor o curso das licções?! Acaricitaste-lhe com a alvejante espuma a fronte sonhadora e ensinaste-lhe de uma vez a sentir as supremas agonias da mortes indescriptiveis.

IGNACIO MOURA.

**ALFREDO PEIXOTO**

Tão grande é a magua que nos compunge, tão profunda a perda que a Patria chora, que nós, os filhos do trabalho, miseros párias da sociedade, não achamos expressões bastantes para lamentar Alfredo Peixoto—traçado pelas ondas do oceano nas margens dos Andes.

REDACÇÃO D,O OPERARIO.

Typ. D'O Operario